
Azulejaria de figura avulsa na realidade arquitectónica franciscana portuguesa. Alguns apontamentos revisitados

Diana Gonçalves dos Santos

Introdução

Na grande família dos revestimentos cerâmicos portugueses surge o azulejo *de figura avulsa* ou *de motivo solto* como tipologia recorrente da ornamentação cerâmica, enquadrável nas composições seriadas, ou de repetição. Consistindo no princípio elementar da representação independente de um motivo ornamental, em desenho isolado numa só unidade, sem a necessária dependência da complementaridade das unidades vizinhas para a leitura da imagem final, o azulejo de motivo solto assume grande versatilidade pela sua facilidade de adaptação a qualquer espaço.

A associação entre esta tipologia azulejar e a arquitectura franciscana portuguesa não é inédita, tendo sido destacada por Feliciano Guimarães nas suas investigações demonstrativas do pioneirismo na abordagem aprofundada ao azulejo de figura avulsa português. Na obra *Azulejos de Figura Avulsa*, publicada em 1932, o autor alerta para a predominância da sua aplicação em edifícios franciscanos, associando o baixo preço daquele material de revestimento aos «*edifícios religiosos de Ordens pobres, como as franciscanas*»: «[...]É notável a predilecção das ordens franciscanas por este processo de ornamentação arquitectónica, explicável, decerto, pela modicidade do seu custo. [...]»; «[...]É interessante frisar a coincidência de se encontrar por terras diversas, em igrejas ou conventos de

ordens franciscanas, a maior parte, pode dizer-se, de toda a produção portuguesa de azulejo de motivo solto.[...]» (GUIMARÃES, 1932: 30-31).

De facto, não sendo o azulejo de figura avulsa exclusivo da Ordem de São Francisco (sendo também conhecidos importantes exemplos nas realidades cisterciense, beneditina, carmelita, agostiniana), apesar da circunscrição da presente abordagem a essa esfera, o elevado número de núcleos conhecidos para o legado franciscano merece uma investigação mais aprofundada, partindo de um rigoroso trabalho de campo, aspecto que não foi possível contemplar na presente investigação devido à escassez de tempo para realizar tal tarefa em tempo útil, face à extensa escala geográfica que é aqui alvo de análise.

Deste modo, as reflexões apresentadas pretendem constituir um ponto de partida para um trabalho que exige uma minuciosa análise aos vários núcleos que constituem o legado franciscano para a azulejaria de figura avulsa, correspondentes a um conjunto de edifícios que conseguimos filtrar através do cruzamento do incontornável elenco apresentado pelo Eng.º Santos Simões nas obras *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)* e *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, publicadas, respectivamente em 1965 e 1979, com os conteúdos disponibilizados no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) através do serviço *on-line* do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) em www.monumentos.pt. Ressalvamos que a metodologia aplicada, resultante na triagem final dos núcleos apurados [Tabela 2], não exclui a hipótese da existência de outros núcleos azulejares de figura avulsa no passado, desaparecidos por ruína dos edifícios, incúria ou falta de sensibilidade na sua preservação.

Partindo do conjunto de apontamentos recolhidos nas obras de referência atrás citadas, e considerando o legado franciscano associado à azulejaria de figura avulsa, residente em exemplos *in situ* ou com memória (exemplos desaparecidos para os quais subsistem referências em fontes impressas ou fontes primárias), pretende-se uma reflexão sobre a tipologia azulejar em abordagem explorando as questões técnico-artísticas.

Geografia da aplicação do azulejo de figura avulsa nos espaços franciscanos do mundo português e suas variantes sobre o modo de apropriação das arquitecturas

O legado franciscano relativo ao património azulejar de figura avulsa permite importantes leituras associadas a matérias técnico-artísticas, sendo o entendimento das várias soluções compositivas dessa tipologia azulejar, temas representados e as particularidades referentes aos vários centros produtores e às diferentes cronologias, alguns pontos relevantes para análise, a qual apresentaremos de seguida. Contudo, importa primeiramente situar o objecto de estudo no seu contexto, tendo em conta que a leitura do azulejo é indissociável da arquitectura que o recebe.

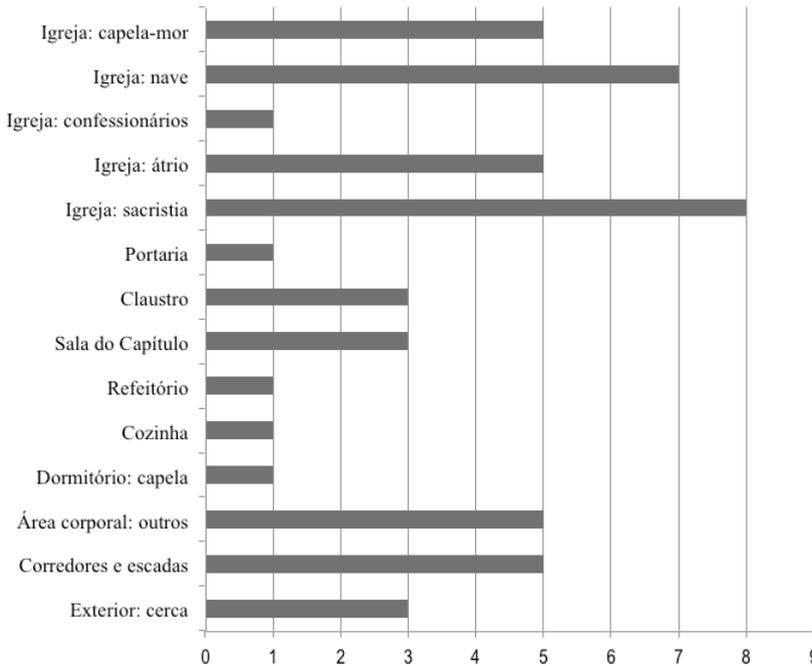
Da amostragem recenseada de 33 núcleos azulejares de figura avulsa em contexto arquitectónico franciscano [Tabela 2] conclui-se que a geografia da aplicação do azulejo de figura avulsa se apresenta bastante diversificada, privilegiando-se o espaço sacro, com a sacristia a adquirir preponderância [Gráfico 1]. Este facto vem evidenciar que a tradicional associação dessa tipologia azulejar com espaços arquitectónicos menores/secundários, como corredores e escadas, deve ser tomada com alguma reserva ao ser considerada como situação transversal a toda realidade azulejar portuguesa: a realidade verificada nos espaços arquitectónicos franciscanos em abordagem vem desconstruir a linearidade dessa constatação.

A igreja, e seus micro-espacos associados, surge no conjunto de edificios recenseados como o local preferencial para aplicação do azulejo de motivo solto. A tendência revela-se transversal a todas as províncias da Ordem franciscana portuguesa conforme confirmam os exemplos que subsistem *in situ*.

A igreja do Convento de N.^a Sr.^a da Piedade em Vila Viçosa, casa da Província de Nossa Senhora da Piedade, apresenta no átrio de entrada, nave, capela-mor e sacristia, silhares de azulejos de figura avulsa *de estrelinhas*, aplicados por combinação com pequenos vasos floridos. Abundam os motivos de flores, havendo também espaço para representações antropomórficas em cenas de género. Santos Simões notou neste núcleo que a dimensão dos motivos em relação à unidade azulejar é considerável, comparativamente ao que é comum para a produção corrente em Lisboa, chegando a encher o azulejo entre os bordos superior e inferior, colocando-se, contudo, as “estrelinhas” afastadas dos vértices (SIMÕES, 2010: 539-540). Ainda na Província de Nossa Senhora da Piedade, a igreja do antigo convento franciscano do Redondo recebeu azulejos de figura avulsa à entrada do templo, nos arcossólios do cruzeiro e na capela-mor (SIMÕES, 2010: 536). Também na igreja, mas apresentando uma presença secundária no conjunto, o núcleo azulejar do antigo convento de Santo António dos Capuchos em Lisboa, casa da Província de Santo António, incorpora azulejos de figura avulsa nos corredores de comunicação das capelas laterais intercomunicantes (SIMÕES, 2010: 297; VELOSO&ALMASQUÉ, 1996:113-146).

Dentro do espaço sacro, como foi já referido, a incidência na sacristia – espaço preferencial de aplicação de audazes programas sumptuários no contexto da arquitectura pós-Trento – é unívoca na geografia da aplicação da azulejaria de figura avulsa nos complexos franciscanos, surgindo mais vezes como espaço de localização de revestimentos da tipologia em análise. Como exemplos destacamos: o antigo edifício do colégio de Santo António da Pedreira em Coimbra, casa da Província de Santo António, preservando um conjunto de figura avulsa no espaço da sacristia, junto ao lavabo, em silhar emoldurado por cercadura, o qual datamos para inícios do século XVIII e associamos à produção de Agostinho de Paiva, mestre de tendas de olaria de Coimbra (SANTOS, 2007: vol.1, 107-116, 165-177; SANTOS, 2010); e

Gráfico 1 - Geografia da aplicação do azulejo de figura avulsa na realidade arquitectónica franciscana portuguesa: incidências preferênciais



ainda o Convento de São Francisco de Chaves, casa da Província de Nossa Senhora da Soledade, onde Santos Simões reportou a existência na sacristia de um silhar de azulejos de figura avulsa *de estrelinhas* numa altura máxima de 18 unidades emoldurado por cercadura (SIMÕES, 2010:162).

Todavia, apesar da sua menor incidência comparativamente com a igreja, verifica-se que outros espaços conventuais como o claustro, sala do capítulo, dormitório, cozinha e outras dependências da área corporal recebem também azulejo de figura avulsa.

O convento franciscano de São Pedro de Alcântara, casa da Província de Santa Maria da Arrábida, é exemplo de diversidade na aplicação de azulejos

de figura avulsa em vários pontos do espaço conventual: para além da igreja, com os confessionários revestidos no seu interior por azulejos de motivo solto de temática floral, átrio de entrada e a sacristia (junto ao lavabo), também o átrio de entrada da zona corporal¹ (com alguns painéis sobre rodapé marmoreado a manganês), capela do antigo locutório e alguns corredores da zona corporal receberam a aplicação de espécimes daquela tipologia azulejar em silhares (SIMÕES, 2010: 302).

Para o espaço do claustro reportam-se existências de figura avulsa aplicadas no claustro do Convento de Santo António da Castanheira em Vila Franca de Xira (Província de Santo António), onde Santos Simões observou um conjunto daquela tipologia, já na altura da sua visita, em mau estado de conservação, datando-os de ca.1720,e, também no claustro do já mencionado Convento de São Francisco de Chaves, segundo aquele autor existentes na planta alta, de características semelhantes aos observados na sacristia em silhar emoldurado por cercadura. (SIMÕES, 2010:162).

No que diz respeito à aplicação de azulejo de figura avulsa na área corporal, recolhemos dados para o primeiro andar do edifício do antigo Convento de Santo António da Castanheira de Vila Franca de Xira, atrás citado: numa capela (capela do dormitório?) Santos Simões registou a existência de azulejos de figura avulsa colocados nos panos murários laterais, ressaltando que o conjunto observado tinha sinais de ter sido recolocado (SIMÕES, 2010: 424). Outro núcleo seria o da antiga cozinha do antigo Convento de São Francisco de Xabregas, em Lisboa, para o qual o mesmo autor registou a existência de um revestimento azulejar de figura avulsa *de estrelinhas* de grande dimensão e variedade de motivos (SIMÕES, 2010: 301): actualmente, apenas subsiste parte desse revestimento num nicho que cobre um tanque de lavagem, o

¹ Alexandre Pais reporta o exemplo deste espaço para ilustrar a aplicação intencional de duas representações figurativas: duas figuras masculinas segurando vara e rosário, uma delas com cabaça surgem por entre a abundância de flores. A selecção do tema do peregrino tem então o propósito iconológico pela sua adequação perfeita ao espaço de acolhimento de visitas do complexo conventual. (PAIS, 2011: 16).

qual apresenta fragmentos de albarradas, frisos e cercaduras em pintura a azul e branco (ARRUDA, 1998:74-75). Há também referências à existência de azulejos de figura avulsa com motivos de flores e aves nas dependências da área corporal do antigo complexo monástico-conventual do Convento de São Francisco de Beja (SIMÕES, 2010:544).

Em contextos de exterior registam-se existências nos conventos de Brancanes de Setúbal, Convento de Santo António de Cascais e Convento de N.^a Sr.^a do Desterro de Monchique. Em Cascais no adro da igreja do antigo Convento de Santo António, pertencente à Província de Santa Maria dos Algarves, Santos Simões observou alguns azulejos de figura avulsa *de estrelinhas* a revestir um muro (SIMÕES, 2010: 267-268).² Na cerca³ do Convento de Brancanes em Setúbal, complexo do universo dos terceiros regulares, a Capela de N.^a Sr.^a da Guia apresenta revestimento de figura avulsa aplicado no interior ao nível da cobertura (SIMÕES, 2010: 476): a abóbada de berço que lhe serve de cobertura é totalmente revestida a azulejos, numa composição formada por uma sequência de cestos floridos (módulo3x4) alternados por palmitos (1x4), elementos colocados ao nível do arranque da abóbada, sendo a restante superfície preenchida por azulejos de figura avulsa com estrelinhas nos cantos, sendo o tema predominante dessas unidades as flores, entre as quais surgem pontualmente algumas aves e também embarcações; na mesma composição – emoldurada por uma barra de enrolamentos de acantos – verifica-se que as fiadas de azulejo de figura avulsa colocadas no remate da sequência das albarradas, não apresentam estrelinhas nos cantos, tal como os azulejos

2 José Queirós e Catarino Cardoso referem a existência de um revestimento azulejar congénere num corredor que ligava o átrio da igreja ao claustro, destacando um azulejo datado com a data de 1719, hoje desaparecido (SIMÕES, 2010: 267-268).

3 Almeida Carvalho, a propósito da descrição da cerca, aponta a existência de duas capelas no alto da cerca, uma rectangular e outra octonogonal, referindo apenas que a primeira era a de N.^a Sr.^a dos Anjos; o mesmo autor revela ainda que outras duas capelas ocupavam o espaço da cerca, na zona da mata, a de São Diogo e a do Bom Jesus (CARVALHO, 1970: 39-40).

integrados num painel, emoldurado por cercadura de flores e enrolamentos de acantos, colocado sobre a verga de uma porta lateral à esquerda (RODRIGUES, 1987:11-13). Também no edifício do Convento de N.^a Sr.^a do Desterro de Monchique, em ruína há décadas, Santos Simões identificou azulejos de figura avulsa em vários pontos da ruína (cerca e interior), conjuntos que apresentavam emolduramento de cercadura de acantos (SIMÕES, 2010: 560).

Para a realidade franciscana feminina subsistem igualmente alguns núcleos azulejares nos quais o azulejo de figura avulsa surge como recurso, na maior parte dos casos como complemento em composições seriadas ou narrativas. Para além do núcleo do antigo convento de Santa Marta de Lisboa, que focaremos mais à frente, também nos edifícios dos antigos conventos de Santa Helena do Monte Calvário em Évora, Santa Clara-a-Nova de Coimbra, Convento das Capuchas de Santarém, Convento das Chagas de Cristo e Convento de N.^a Sr.^a da Esperança em Vila Viçosa surgem amostras de figura avulsa aplicadas em diversos espaços dos complexos conventuais.

O espaço sacro volta a surgir como a área do complexo conventual com maior incidência da aplicação do azulejo de motivo solto. Na igreja do convento feminino de Santa Helena do Monte Calvário em Évora, a nave apresenta revestimento azulejar de figura avulsa colocado nos panos murários dos alçados laterais, onde pilastras marcam a divisão daquele espaço em vários tramos (CÂMARA, 1999: 70-71), funcionando os painéis azulejares de figura avulsa como embasamento a uma superfície de padronagem. No coro alto do Convento de Santa Clara-a-Nova de Coimbra as paredes são revestidas a azulejo, na sua maioria de padrão seiscentista policromo, contudo, na parede contígua à grade há um arranjo de várias tipologias e cronologias: interessam ao presente estudo os azulejos de figura avulsa, colocados acima do altar do lado do Evangelho, que envolvem a figuração de dois anjos, em pintura a azul sobre esmalte estanífero, que se colocam a enquadrar uma cartela com a inscrição «IHS»; e também os que se encontram colocados

do lado da Epístola, misturados com unidades de padronagem e albarradas (CORREIA&GONÇALVES, 1947: 80-81); tratar-se-ão de exemplares de fabrico coimbrão de inícios do século XVIII, os quais atribuímos à produção de Agostinho de Paiva. Para o Convento das Capuchas de Santarém Santos Simões descreve um silhar de figura avulsa existente como revestimento da sacristia (SIMÕES, 2010: 434), e também, no ante-coro alto e sacristia da igreja do Convento de N.^a Sr.^a da Esperança em Vila Viçosa, o autor reporta a existência de azulejos de figura avulsa (SIMÕES, 2010: 539).

Fora do espaço da igreja, há o caso da sala do capítulo do Real Convento das Chagas de Cristo em Vila Viçosa com um revestimento azulejar de figura avulsa em silhar sobre rodapé marmoreado (SIMÕES, 2010: 538) – cuja datação do conjunto se deverá situar na década de 1740⁴ – e ainda o refeitório do Convento de Santa Helena do Monte Calvário em Évora, onde azulejos de figura avulsa surgem a par com azulejos de albarradas (CÂMARA, 1999: 70-71).

No universo dos terceiros seculares, muito atreitos à aplicação de grandes ciclos narrativos em azulejo dedicados às figuras principais da Ordem de São Francisco, surge pontualmente a tipologia do azulejo de motivo solto. Foi-nos possível colher alguns apontamentos associados a essa aplicação para a igreja de N.^a Sr.^a de Monserrate da Ordem Terceira de Óbidos, igreja e hospital da Ordem Terceira de São Francisco de Santarém – capelas laterais revestidas a azulejo de figura avulsa *de estrelinhas* e escada com azulejos de figura avulsa sem ornatos nos cantos (SIMÕES, 2010: 436-438) – e edifício da Ordem Terceira de São Francisco de São Salvador da Baía (SIMÕES, 1965:116-119), que iremos referir de seguida no âmbito das amostras presentes no Brasil.

Fora do território continental português encontramos azulejos de figura avulsa *in situ* ou reportados para edificações franciscanas na ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores. Dos 18 conventos masculinos e 17 de

4 Estão documentadas reparações naquele espaço para 1743 (IANTT, Livros de Receitas e Despesas: nos. 6-64).

clarissas que constituíam a Província de São João Evangelista dos Açores (criada em 1639) apenas são conhecidos os azulejos de figura avulsa do Convento de N.^a Sr.^a da Esperança de Ponta Delgada: primeira instituição de clarissas de Ponta Delgada (fundação em 1541), integrado a partir de 1717 na Custódia de Nossa Senhora da Conceição das Ilhas de São Miguel e Santa Maria dos Açores, este convento ficaria célebre por abrigar a devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, culto transversal à espiritualidade de todas as ilhas do Arquipélago. No coro baixo, desde finais do século XVII transformado em Santuário do Senhor Santo Cristo, foi aplicado um revestimento azulejar de figura avulsa com motivos de canto de trevos, tipo *aranhiço*, semelhantes aos que integram a colecção do Museu Carlos Machado ⁵, também em Ponta Delgada (SIMÕES, 1963:104). No mesmo edifício Santos Simões registou, dispersa em vários pontos da área corporal, a presença de azulejos de figura avulsa com os cantos ocupados por ornatos *de estrelinhas*, de tipos vulgares, revestindo bancos de conversadeiras de janelas (SIMÕES, 1963:108).

Na realidade franciscana dos antigos domínios da expansão portuguesa há referências à existência de azulejaria de figura avulsa no Brasil, embora numa reduzidíssima difusão territorial quando proporcionalmente comparada com a realidade do território continental português. Numa visão particular sobre o azulejo de motivo solto, Santos Simões reporta: «encontram-se no Brasil menos exemplares do que seria de esperar e, assim, apenas se notaram como dignos de referência os que existem na igreja da Santa Casa da Misericórdia do Salvador, na capela do Noviciado do Carmo, também desta cidade, alguns, poucos, no convento do Desterro e os dos confessionários e cozinha do antigo convento de Santa Teresa,

5 Sobre este tipo raro de ornatos de canto em quadrifólios, tipo trevos (ou *aranhiços*) Santos Simões aponta, para além das peças existentes no Museu Carlos Machado, a existência de peças semelhantes, pelas suas afinidades técnicas e formais, na Igreja Matriz de Ponta Delgada (concelho de São Vicente) na ilha da Madeira (SIMÕES, 1963: 102).

igualmente na Baía» (SIMÕES, 1965:30).

Precisamente no estado da Baía, o convento franciscano da ilha de Cairu – Convento de Santo António, uma das primeiras instituições fundadas, assim que a Custódia do Brasil se tornou independente da Província de Santo António de Portugal (1650) – acolhe um notável núcleo azulejar que segundo Santos Simões «só por si, justifica o risco e a despesa da viagem» (SIMÕES, 1965: 70). Espécimes da tipologia de figura avulsa revestem o átrio de entrada, colocados em silhar composto por vários painéis de azulejos com cantos *de estrelinhas*, sendo o seu emolduramento feito ora por barra, ora por cercadura, de enrolamentos de acantos (SIMÕES, 1965: 71). Também na capelinha de São Benedito Santos Simões encontrou um silhar de oito de alto com figura avulsa de flores e barcos, com cercadura de volutas, sendo os ornatos de canto das unidades quartos de pequenas flores de oito pétalas, exemplares com afinidades formais com os espécimes congêneres dos núcleos da igreja da Misericórdia de São Salvador da Baía (nave, documentalmente datados de 1722 e provenientes de Lisboa, sendo António de Abreu o azulejador responsável) (SIMÕES, 1965: 89-90) e Ordem Terceira de São Francisco também em Salvador (SIMÕES, 1965: 72). Na portaria do convento Santos Simões registou uma epígrafe sobre a porta que aponta a data de 1739, observando em três dos quatro panos murários um silhar de nove unidades de altura com azulejos de figura avulsa *de estrelinhas* (SIMÕES, 1965:72). A data dos azulejos deverá compreender o intervalo entre ca.1720 e ca.1740.

No Convento de N.^a Sr.^a do Desterro, em São Salvador da Baía, a primeira casa da Segunda Ordem fundada no Brasil em 1677, subsistem exemplares de figura avulsa no claustro, em cinco painéis emoldurados por cercaduras, colocados a enquadrar uma fonte ao fundo de uma das quadras. Santos Simões salientou a hipótese de se tratar de peças deslocadas, retiradas de um outro local daquele complexo conventual, datando-os de após 1730 (SIMÕES, 1965:103), e contando 81 unidades. Em duas imagens que publica a acompanhar o texto respeitante a este núcleo (SIMÕES, 1965:103) os desenhos das *estrelinhas* di-

ferem substancialmente: umas são cruciformes outras são em aspa.

Ainda em São Salvador, no edifício da Ordem Terceira de São Francisco, Santos Simões observou alguns exemplares de figura avulsa no corredor de entrada do edifício, que estabelece o acesso às dependências administrativas, os quais se apresentam como elementos intercalares em grupos de vasos floridos (de módulo 8x5), integrados num silhar de 12 unidades de altura. O mesmo autor destacou a singularidade dos motivos representados naquelas amostras de figura avulsa, entre as quais figuras antropomórficas, barcos, flores, caracterizando o desenho dos motivos como pouco cuidado, e descrevendo o motivo dos cantos como pétalas formando uma flor pela interligação de 4 unidades (SIMÕES, 1965:116), semelhantes, portanto aos espécimes congêneres de Cairú. Na Sala do Consistório, Santos Simões reporta a existência de azulejos de figura avulsa, em dois dos cinco painéis colocados nos poiais das janelas, representando aves e flores, emoldurados por cercadura. Finalmente, também na galeria lateral da igreja e escada que liga o corredor de entrada ao piso superior, identificou outro conjunto de azulejos de figura avulsa semelhantes aos observados no corredor de entrada, apontado pelo autor como o mais significativo que se encontra no Brasil pelo avultado número de unidades (SIMÕES, 1965:119).

O entendimento da geografia da aplicação do azulejo de figura avulsa obriga automaticamente à leitura das várias soluções de aplicação verificadas e seu modo de apropriação das arquitecturas. Na realidade arquitectónica franciscana verifica-se três situações principais para a aplicação do azulejo de figura avulsa, a saber: 1) aplicação em silhar (na totalidade do espaço arquitectónico, ou parcialmente); 2) revestimento a toda a altura das superfícies murárias; 3) aplicação com complemento (em composições seriadas, caso dos vasos floridos, ou em ciclos narrativos).

Para a aplicação em silhar, destacamos os exemplos de Santo António dos Olivais em Coimbra, do Colégio de São Pedro dos Religiosos Terceiros na

mesma cidade, e dos conventos da Província de Nossa Senhora da Conceição: São Francisco de Arcos de Valdevez, São Francisco de Orens (Viseu), Santo António de Viana do Castelo, Santo António de Ponte de Lima.

Numa aplicação em silhar, de forma parcial no complexo conventual franciscano, são os exemplos dos núcleos azulejares de Santo António dos Olivais e São Pedro dos Religiosos Terceiros. No primeiro exemplo os azulejos foram aplicados, formando silhar, em todo o perímetro murário do átrio do sub-coro da igreja, com emolduramento efectuado por cercadura de motivos vegetalistas. O conjunto deverá datar de ca. 1740, embora presentemente se verifique uma mistura de peças dessa cronologia com presenças pontuais de amostras do início do século XVIII, que associamos à produção de Agostinho de Paiva, e outras advindas de uma intervenção de restauro realizada recentemente. Predominam os motivos florais, havendo contudo espaço para representações de arquitecturas, figurações antropomórficas e zoomórficas entre outros. Já o segundo exemplo apontado – embora correspondente a uma aplicação em silhar numa área restrita do complexo colegial, a escadaria que estabelecia o acesso entre a portaria de baixo e o claustro – assume-se como uma aplicação em grande extensão, configurando-se como o núcleo com o maior número de unidades azulejares conservadas para a tipologia de figura avulsa [Figura 2], datado de 1707, que atribuímos à produção azulejar de Coimbra associada às olarias de Agostinho de Paiva (SANTOS, 2007:vol.1, 70-76, 165-177).

Enquanto exemplo de um revestimento total do espaço por aplicação em silhar de azulejos de figura avulsa, é de destacar o interior da igreja do antigo Convento de São Francisco (vulgo de São Bento) de Arcos de Valdevez. Santos Simões destacou a dificuldade em enumerar os temas representados, realçando, contudo, a ingenuidade e liberdade da pintura e imaginação fantástica das representações. As unidades são aplicadas por aglomeração formando silhar emoldurado por cercadura, atingindo no átrio do sub-coro a altura máxima de sete azulejos, na capela lateral do lado da epístola a altura de doze

azulejos, nave da igreja treze azulejos de altura, e desasseis azulejos de altura no espaço da capela-mor. A data deste conjunto situar-se-á entre 1726 (SIMÕES, 2010: 91), data inscrita no pórtico que corresponderá ao término das obras de reformação da igreja por consequência da queda da abóbada do coro (FIGUEIREDO, 2008: 127-128 (vol.1), e 1734, ano em que ainda decorriam as obras de reconstrução do corpo da nave, segundo o que é reportado sobre a aplicação do legado do capitão Luís de Araújo Pereira que deixou ao convento *cinco alqueires de milho* (ARAÚJO, 1985b: 21).

Outro exemplo semelhante, cujas parecências no modo de aplicação do azulejo de figura avulsa, características técnico-formais e motivos representados são evidentes – algo que não estranhámos dado o facto de ambas as casas pertencerem à jurisdição da mesma província (Província de Nossa Senhora da Conceição) – é o núcleo azulejar da igreja do antigo Convento de São Francisco de Orgens nos arredores de Viseu. As paredes da nave e capela-mor são revestidas com exemplares de figura avulsa num silhar contínuo, delimitado por cercadura, que contorna o espaço em todo o seu perímetro e ocupa cerca de 1/3 da altura das superfícies murárias. O conjunto azulejar situar-se-á na década de 1740, a julgar pelos dados historiográficos apurados para o edifício após este passar à jurisdição da Província de Nossa Senhora da Conceição: sob o governo da nova província, o imóvel sofre readaptações, que incluíram a demolição de edifícios antigos, inclusive a antiga igreja, que corria de Este para Oeste, ficando, segundo a Crónica, de Sul para Norte (JOSÉ, 1760, vol. I, 627); a primeira pedra da nova construção é lançada a 21 de Junho de 1742, celebrando-se a primeira missa a 25 de Outubro de 1744 (JOSÉ, 1760: vol. I, 627); Frei Francisco de Jesus Maria “(...) natural de Villa-Real, hum dos mais famosos Architectos deste seculo, (...) assistio a toda a obra desta reedificação (...)”(JOSÉ, 1760: vol. I, p. 628) durante oito anos, sendo o responsável pela planta e condução da intervenção (FIGUEIREDO, 2008: vol.1, 132-133).

Com o mesmo tipo de solução de aplicação em silhar, mas apenas numa área

restrita do espaço sacro, surge o edifício da igreja do antigo Convento de Santo António dos Frades ou dos Capuchos de Ponte de Lima, que acolhe na sacristia um silhar de azulejos figura avulsa de oito unidades de altura, emoldurado por cercadura. Tais exemplares incluem-se na tipologia *de estrelinhas*, com a pintura dos motivos a azul sobre fundo estanífero. A temática inclui flores, representações antropomórficas (em cenas de género e bustos), representações de aves, figurações do imaginário (como cupidos), entre algumas unidades com inscrições associadas «Ai, ai», «Boracha» (SIMÕES, 2010: 93). Patrícia Almeida data-os de ca.1740 (ALMEIDA, 2004: Vol.1, 115) evocando os dados associados às obras de reforma e modernização da sacristia que a dotaram da aplicação dos painéis apainelados do tecto, novo oratório e novos arcazes (ALMEIDA, 2004: Vol.1, 143), as quais são documentadas por António de Matos Reis num estudo sobre as igrejas de Santo António dos Frades e de São Francisco dos Terceiros de Ponte de Lima (REIS, 1989:12). Flávio Gonçalves, por sua vez, aponta uma cronologia atribuível a ca.1743-44 com base nos estudos de Luís Oliveira e Feliciano Guimarães (OLIVEIRA, 1923: 248-255 e GUIMARÃES, 1932: 44-45), acrescentando que sobre o centro de produção dos mesmos se deverá associar a proveniência apurada para os azulejos, da mesma tipologia, integrados no mosteiro masculino da Ordem de São Bento de São João de Cabanas em Afife, datados de ca.1743-1746 e provenientes de Lisboa (SMITH, 1972: 86). Neste campo, não nos foi possível esclarecer, até à data, a dúvida da proveniência por dificuldades no acesso ao imóvel beneditino para observação desses espécimes e comparação técnico-artística com as peças aplicadas nos referidos complexos conventuais franciscanos minhotos. Outra atribuição de proveniência para os azulejos da sacristia da igreja do convento de Santo António de Ponte de Lima foi apresentada por Luiz Augusto de Oliveira (OLIVEIRA, 1923: 250) associando-os ao mestre azulejador Manuel Borges, artífice de Lisboa, numa directa associação aos dados documentais recenseados para o núcleo da igreja da Misericórdia de Viana do Castelo, que acolhe no coro um conjunto de azulejos de

figura avulsa.⁶ Esta associação não nos parece viável, dadas as evidentes diferenças nos pormenores técnico-artísticos verificados pela confrontação entre os dois núcleos: o traço do desenho dos motivos, a técnica pictórica, a coloração do pigmento azul empregue e o vidro estanífero diferem notoriamente, bem como a medida média das unidades azulejares, facto que remete para formas diferentes de trabalhar, correspondentes a distintos centros de produção.

Também a antiga igreja do Convento Franciscano de Santo António de Viana do Castelo⁷ acolhe na capela-mor um conjunto de azulejos de figura avulsa com cantos *de estrelinhas*, dispostos em silhar numa altura máxima de dez azulejos emoldurado por cercadura de motivos vegetalistas de acantos. Santos Simões não descartou a possibilidade de se tratar de produtos locais, embora reconhecendo afinidades com espécimes da mesma tipologia associadas aos centros de Coimbra ou Porto (SIMÕES, 2010:101). A temática dos motivos representados inclui flores, aves, animais, figuras antropomórficas (como bustos com flores na boca), figuras do imaginário (esqueleto, querubins), entre outras. Na sacristia é também possível encontrar o mesmo tipo de azulejo em silhar baixo (ARAÚJO, 1968). Em 1736 o Convento de Santo António de Viana do Castelo tinha a sua igreja a ruir, tendo sido Frei João do Sacramento encarregue da sua reedificação, iniciativa apoiada por Sebastião Pinto Rubim Sotto Maior (ARAÚJO, 1985a): este dado indicia que a datação do revestimento azulejar em causa terá necessariamente que se situar após esta data.

Exemplos de revestimentos com azulejos de figura avulsa aplicados a toda a altura das superfícies murárias são menos significativos, embora se localizem não só em alguns espaços dos complexos conventuais franciscanos, mas

6 Para os azulejos do coro da igreja da Misericórdia de Viana do Castelo foi apurada a data e proveniência dos mesmos no «Livro da receita e despeza da Misericórdia de Viana do castelo, de 1722»: «Ao mestre azulejador Manuel Borges, da cidade de Lisboa, por 948 azulejos de brutesco fino para o côro, à razão de trinta mil reis o milheiro – 28\$440» (Feliciano Guimarães cita Sousa Viterbo; GUIMARÃES, 1932:31, 59).

7 A casa de Santo António de Viana do Castelo foi sede da província da Conceição até 1783, nessa data destituído a favor da casa de Santo António da cidade do Porto.

geralmente em arquitecturas de pequena escala na órbita de influência desses mesmos complexos conventuais. Nesse âmbito, destacamos o revestimento azulejar das capelas dos Passos na Calçada de Santa Isabel em Coimbra – via que liga os edifícios do antigo Convento de São Francisco da Ponte e antigo Convento de Santa Clara-a-Nova – cujos interiores de pequenas dimensões apresentam, a toda a altura das paredes, azulejos de figura avulsa de ca. 1740 [Figura 1]. Outro exemplo de uma aplicação a toda a altura das paredes é o revestimento existente na área corporal do Convento de N.^a Sr.^a da Piedade de Vila Viçosa, exemplares que datamos da transição do século XVII para o século XVIII, formalmente semelhantes aos azulejos datados e assinados (1691, Garcia Ramires) do desaparecido Convento do Santo Crucifixo das Francesinhas de Lisboa, recolhidos no Museu Nacional de Arte Antiga e Museu Nacional do Azulejo (QUEIRÓS,2002:294).

Quanto à aplicação do azulejo de figura avulsa como complemento de composições de motivos seriados ou ciclos narrativos, a mesma consiste na colocação de unidades como forma de complemento dos revestimentos cerâmicos: quer por alternância com os módulos de repetição ou remate dos extremos dessas composições, ou, no caso das aplicações complementares a ciclos narrativos, da sua colocação ao nível dos embasamentos, em rodapé ou silhar, ou em superfícies murárias secundárias. Como exemplos destas soluções destacamos os casos da igreja do Convento de São Francisco de Montemor-o-Novo e Sala do Capítulo do Convento de Santa Marta de Lisboa. Para além dos já citados azulejos de motivo solto da igreja do Convento de N.^a Sr.^a da Piedade em Vila Viçosa que convivem com vasos floridos, também na igreja do Convento de São Francisco de Montemor-o-Novo se observam azulejos congêneres aplicados como rodapé do silhar de albarradas que ali foi aplicado e que Santos Simões data de ca. 1740 (SIMÕES, 2010:532).



FIGURA 1

Interior da Capela dos Passos no topo da Cç. de Santa Isabel
(liga São Francisco da Ponte a Santa Clara-a-Nova) em Coimbra:
revestimento azulejar de figura avulsa setecentista, ca.1740
Fotografia da autora (FA)



FIGURA 2
Guarda vigilante, Escadaria do Colégio de São Pedro dos
Religiosos Terceiros, Coimbra
1707, atrib. Agostinho de Paiva, FA



FIGURA 3
Busto de frade, Nave da igreja de São Francisco de Orgens
(Viseu), ca.1740
autor desconhecido, FA

Para o núcleo azulejar do Convento de Santa Marta de Lisboa reportam-se espécimes de figura avulsa *de estrelinhas* num silhar com emoldramento de cercadura, verificando-se uma significativa variedade de motivos representados, entre flores e aves, num corredor/túnel nas traseiras do edifício. Actualmente, esses azulejos encontram-se na «sala dos passarinhos» onde foram reassentados na década de 1970, aquando de obras de remodelação do Hospital. (SIMÕES, 2010: 296; VELOSO&ALMASQUÉ, 1996: 107). Na antiga Sala do Capítulo, azulejos de figura avulsa foram aplicados na parede poente, ladeando a escada de acesso à capela-mor, em painéis emoldurados por cercadura, com motivos florais predominantes, e ainda no rodapé de dois azulejos de altura, emoldurado por friso, que reveste a superfície murária por debaixo do banco corrido, convivendo com o programa iconográfico clarista e franciscano atribuído a Valentim de Almeida e com datação aproximada a ca.1740 (VELOSO&ALMASQUÉ, 1996: 91,94). Numa dependência secun-

dária, de pequenas dimensões, próxima ao claustro – que funcionou como papelaria do Hospital de Santa Marta – e com tecto abobadado, revestem as paredes azulejos de figura avulsa, alternados com elementos de padronagem pombalina (VELOSO&ALMASQUÉ, 1996:107).

Afigura-se interessante o caso dos núcleos azulejares de figura avulsa *in situ* da Província de Nossa Senhora da Conceição pela sobreposição verificada na aplicação de espécimes muito semelhantes tecnicamente e formalmente, de cronologias aproximadas: na arquitectura franciscana daquela província, no que cabe à azulejaria, verifica-se a eleição de soluções práticas e simples, que conferem especial protagonismo à tipologia da figura avulsa. Os casos de São Francisco de Orgens e São Francisco de Arcos de Valdevez constituem exemplos da aplicação da figura avulsa em larga escala no quadro de intervenções de reforma artística de carácter sumptuário do espaço sacro; outros exemplos, numa aplicação em áreas mais restritas, são os conjuntos da capela-mor da igreja do Convento de Santo António de Viana do Castelo e sacristia da igreja do Convento de Santo António dos Frades de Ponte de Lima. Um mesmo centro produtor afigura-se muito evidente no fornecimento das unidades aplicadas naquele conjunto de edifícios: as evidências técnicas e formais são gritantes.

A questão do apuramento das proveniências é complexa face à escassez de documentação que possa sustentar solidamente a atribuição a um mesmo centro de produção. Já Feliciano Guimarães, homem conhecedor das realidades conimbricenses e do Alto Minho, reconheceu afinidades técnicas e formais entre os azulejos de motivo solto aplicados nos núcleos franciscanos de Santo António de Ponte de Lima (sacristia), São Francisco de Arcos de Valdevez (igreja e corredor de acesso à sacristia) e de Santo António de Viana do Castelo (capela-mor), comparando-os com os azulejos do átrio de entrada da igreja de Santo António dos Olivais, e assinalando *a estreita analogia de factura, esmalte e mesma tinta azul ultramar-cobalto, os motivos de canto*, e também a utilização de efeitos esponjados como recurso técnico na representação de

folhagem (GUIMARÃES, 1932: 44-45). Esta constatação é corroborada por José Meco, autor que apresenta a hipótese da proveniência coimbrã (MECO, 1993: 145,228). A hipótese parece-nos bastante viável, contudo, a ausência da prova documental mantém-se e a analogia ao núcleo datado e documentado para São João de Cabanas apresentada por Flávio Gonçalves acentua a dúvida, algo que só será possível esclarecer depois da análise atenta e registo cuidadoso do núcleo beneditino de Afife.

As três variantes de aplicação verificadas para a tipologia azulejar em análise indicam indiscutivelmente o forte carácter ornamental inerente ao azulejo de figura avulsa. Apesar da historiografia do azulejo o considerar comumente como adição superlativa a um projecto decorativo principal mais complexo, os excepcionais conjuntos azulejares setecentistas dos conventos de São Francisco de Arcos de Valdevez, Santo António de Viana e São Francisco de Orgens, são exemplos da dignificação do azulejo de figura avulsa aplicado em larga escala na decoração do espaço mais honorável dos complexos conventuais, a igreja, facto contraditório à condição secundária que lhe é normalmente atribuída.

Soluções compositivas e temáticas do azulejo de figura avulsa português, a partir das amostras da realidade arquitectónica franciscana portuguesa

Na análise das soluções compositivas verificadas ou reportadas para o legado arquitectónico franciscano importa olhar do geral para o particular. A exposição seguinte irá organizar-se em função de dois níveis de abordagem:

1. O silhar/painel; 2. A unidade.

Enquanto tipologia ornamental, é característica principal das composições azulejares de figura avulsa funcionarem por aglomeração de unidades distintas; nesse sentido, assumem grande versatilidade pela óptima adequabilidade às diferentes dimensões dos silhares, as quais são definidas pelos ritmos das arquitecturas, gerados pelas aberturas de vãos de portas e janelas, avanços e recuos das superfícies murárias, alteamentos/rebaixamentos de pavimentos, entre outros aspectos.

O silhar – enquanto painel/conjunto de painéis para revestimento de uma superfície parietal desde o nível do pavimento até 1/2, 1/3 ou 1/4 da altura do pano murário – incorporará com grande facilidade o azulejo de motivo solto, resolvendo a sua adequação à área a revestir em função dos sublinhados das arquitecturas gerados pelas guarnições que lhe definem as fronteiras. As guarnições ou emolduramentos dos silhares, herança da longa experiência do azulejo seiscentista português, serão, portanto, elos fundamentais com a arquitectura e, na acepção decorativa, irão funcionar como elementos dignificadores dos conjuntos aglomerados formados pelas várias unidades acolhidas nas reservas que delimitam.

Excelentes indicadores da cronologia aproximada para os vários conjuntos de figura avulsa remanescentes em várias latitudes do território nacional e além-fronteiras (antigos domínios da expansão portuguesa) estes emolduramentos – sejam frisos, cercaduras ou barras –, assumindo pintura a azul e branco, acusam numa primeira fase uma relação de continuidade com a produção seiscentista polícroma precedente, facto que propicia uma aproximação mais sólida à cronologia a atribuir aos núcleos que assumem essas características.

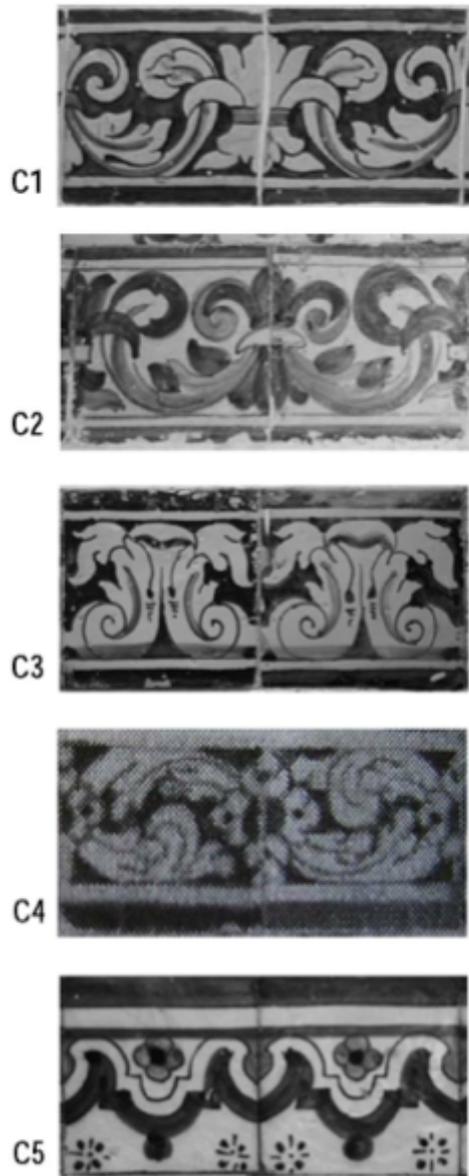


FIGURA 4

Guarnições: exemplos de cercaduras para a azulejaria de figura avulsa, presentes em edifícios franciscanos

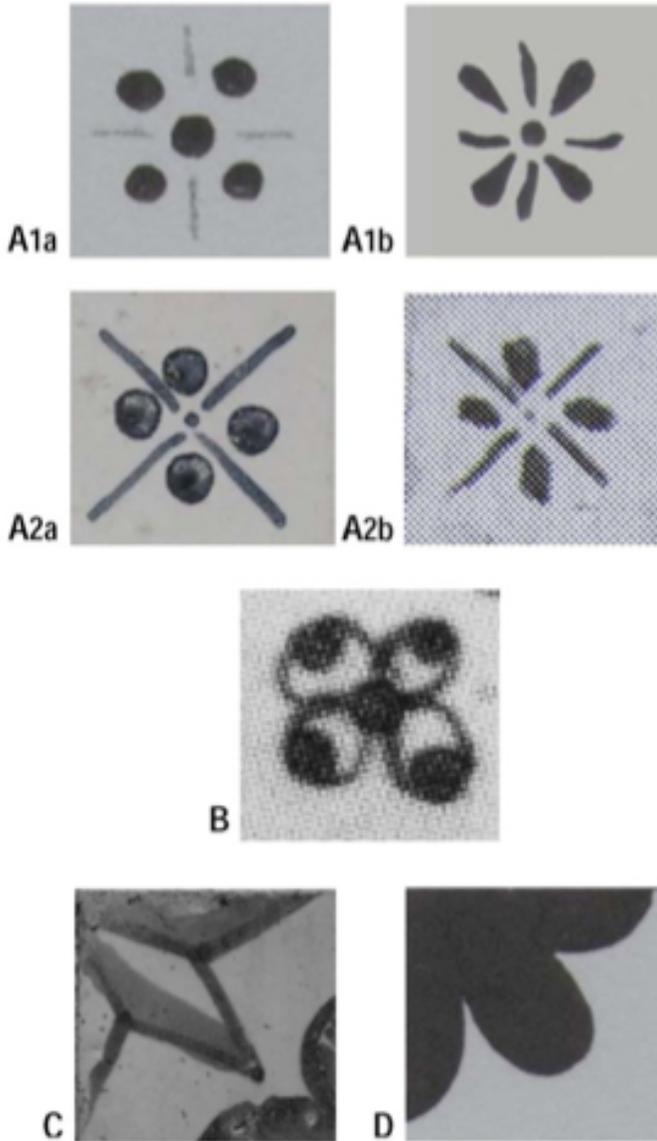


FIGURA 5
Exemplos de ornatos de canto aplicados em conjuntos azulejares
de figura avulsa integrados em edifícios franciscanos

Na realidade arquitectónica franciscana portuguesa verifica-se que os silhares de azulejo de figura avulsa apresentam o constante recurso à cercadura (moldura simples de módulo repetitivo linear composto por uma ou duas unidades, geralmente limitada por dois bordos) mais do que à barra (moldura composta, formada por duas séries de unidades justapostas e sobrepostas, sendo portanto o módulo do padrão de repetição constituído por quatro unidades), usualmente utilizada como recurso regularizador da escala arquitectónica. Foi possível reconhecer pelo menos cinco variantes distintas: umas mais arreigadas à matriz compositiva seiscentista, com um desenho estrutural geometrizar, a partir do qual se adicionam elementos fitomórficos (p.e. flores, estames, caules, folhas), por vezes com filiação nos motivos de brutesco divulgados pela gravura norte-europeia, que corresponderão a uma cronologia mais aproximada aos finais do século XVII e inícios do século XVIII [Figura 4, C1, C2]; e outras denunciadoras de um léxico formal assumidamente barroco, as quais situamos nos meados de Setecentos [Figura 4, C3-C5].

O azulejo português de motivo solto vai simplificar a lição holandesa⁸, começando por deixar cair os ornatos de canto na sua primeira fase de produção [Figura 2], e, posteriormente, insistindo, embora sem grandes oscilações, numa mesma fórmula ornamental, *as estrelinhas* – designação criada por Joaquim de Vasconcelos a propósito dos vários tipos de ornatos cruciformes combinados com pintas, lembrando à distância pequenas estrelas-asteriscos⁹ – pontualmente exercitando fórmulas alternativas que acabam por não vingar, tal como é possível constatar *in situ* [Figura 5]. Do mesmo

8 A tipologia do azulejo de figura avulsa é a marca principal da produção azulejar holandesa, a qual influenciou inevitavelmente a congénere portuguesa. Contudo, há um hiato temporal de quase 100 anos que distancia os primeiros exemplares conhecidos para a azulejaria de figura avulsa holandesa das primeiras experiências conhecidas para a produção congénere portuguesa (a génese da figura avulsa holandesa coloca-se entre os finais do século XVI e inícios do século XVII).

9 Do latim *asteriscum*, do grego ἀστερίσκος, “estrelinha”.

modo, o artífice português assingela a representação principal reduzindo-a a um motivo simples, sendo raro o trabalho miniaturista realizado pelo artífice holandês seu contemporâneo, muito descritivo nos pormenores.

À versatilidade da azulejaria de figura avulsa já referida, e advinda da grande capacidade de adaptação a qualquer espaço – por ausência da necessidade de subordinar o desenho dos ornatos representados nas unidades cerâmicas às formas e escalas dos muros, tornando a capacidade de aglomeração vantajosa, sendo possível revestir qualquer tipo de espaço arquitectónico – somam-se os baixos custos despendidos com a sua produção e montagem, aspectos que irão estimular o desenvolvimento deste tipo azulejar e a continuidade da sua utilização.

Apesar da notória influência da produção congénere dos Países Baixos, em Portugal o azulejo de figura avulsa readapta o conceito de revestimento parietal cerâmico desenvolvido ao longo de Seiscentos e aplicado em vastas áreas de superfícies murárias, assimilando e refundindo com a experiência precedente essa influência exógena.

A associação da temática representada no azulejo de figura avulsa português a uma iconografia popular a partir da constatação da insistência de representações de costumes e de um conjunto de motivos de carácter jocoso, sarcástico, e por vezes irreverente, justificada pelo factor primário da representação de cenas e factos de observação do quotidiano do artífice – tem vindo a ser repetidamente evocada desde os inícios do século XX. Textos de Rocha Peixoto (PEIXOTO, 1901) e Manuel Monteiro (MONTEIRO, 1907), escritos à luz da cultura e mentalidade da época, empolgaram o vínculo popular a esta tipologia azulejar. Embora nos pareça mais exequível entender a génese das temáticas de vínculo popular associada à influência da matriz gravada de carácter popular, mais do que a registos do quotidiano do artífice, seguindo a linha de pensamento de Santos Simões (SIMÕES, 1969: 72), é inolvidável que o repertório iconográfico aplicado à azulejaria de figura avulsa denuncia o transporte de determinados motivos a partir da faiança artística produzida nas olarias portuguesas.

Olhando a unidade azulejar de motivo solto importa destacar separadamente o motivo principal, colocado no centro da peça cerâmica, dos motivos de canto (quando existem) que, como a designação indica, consistem na colocação nos quatro cantos da forma quadrangular da unidade, de um mesmo ornamento que consideramos como motivo secundário. Os ornamentos de canto, nas situações em que são aplicados, funcionam como elos de ligação entre as unidades do conjunto, reforçando o efeito de grelha que está intrínseco ao painel azulejar derivado da trama formada pelas linhas horizontais e verticais do reticulado acentuado pelas juntas de argamassa entre as unidades.

Ao longo de Setecentos são restritas as derivações deste tipo de ornatos no azulejo de figura avulsa português. Na amostragem que recenseámos para o legado arquitectónico franciscano foi possível distinguir quatro tipos de ornatos de canto: A. “Estrelinhas”-Asteriscos (com as variantes 1a. Cruciforme com pintas – traços finos em disposição cruciforme, com ponto ao centro, intercalados com quatro pintas –, 1b. Cruciforme com ovóides, 2a. Aspa com pintas – traços finos formando cruz em aspa e intercalados por quatro pintas, 2b. Aspa com ovóides – traços finos formando cruz em aspa com ponto ao centro e por ovóides); B. Aranhão, ou trevo, de evidente filiação no *spinnekopje* neerlandês; C. Quarto de estrela de oito pontas; D. Quarto de flor de oito pétalas [Figura 5]. Enquanto nas famílias A e B os ornatos se encontram circunscritos aos limites da unidade, as famílias C e D – constituindo quartas partes de um ornato – compõem, necessariamente com as unidades vizinhas, o motivo secundário.

Acerca do motivo principal representado no azulejo de figura avulsa português, o reportório iconográfico utilizado é alargado, sendo variadas as soluções temáticas aplicadas. [Tabela 1]

Um aspecto transversal às composições azulejares de figura avulsa portuguesas é o predomínio dos motivos florais nos conjuntos de unidades aglomeradas por painel, por vezes, chegando mesmo a constituir o motivo exclusivo

representado (aspecto comum em núcleos de produção lisboeta, sobretudo, para meados de Setecentos). As flores irão funcionar como a base das composições ornamentais, alternando pontualmente com peças de temática distinta. De modo a dinamizar a composição o ladrilhador trabalha os efeitos dos diferentes posicionamentos das flores na unidade azulejar, intensidades de graduação do azul, formas das várias espécies de flores representadas, de forma a contornar possíveis repetições e monotonias produzidas sobre o efeito final do painel. De um modo geral, o florilégio mais usual utilizado pela azulejaria de figura avulsa inclui representações de liliáceas (lírios, túlipas), rosáceas (rosas), cariofiláceas (cravos, cravinas), peóneas e asterácias (margaridas, malmequeres), representações que estão longe de assumir um carácter documental, constituindo antes vias mais práticas de preenchimento ornamental por meio da manipulação das dinâmicas criadas pelas várias posições do elemento fitomórfico, resultantes das diversas curvaturas que pode assumir, a partir da colocação do pé num dos quatro lados da quadratura da unidade cerâmica. Alexandre Pais sugere mesmo o efeito “jardim” criado pela proliferação e predominância da massa vegetal por painel, a qual chega a contaminar em muitos casos unidades de temática zoomórfica ou antropomórfica, provocando um efeito dissimulador ou de camuflagem da figura representada perante o olhar abrangente e rápido do observador (PAIS, 2011: 20).

Como complemento às flores surgem os frutos, sendo muito comuns as representações de limões, pêras, romãs e também maçãs e cerejas. Por vezes surgem ainda em representações mistas, em cestos, por vezes misturadas com flores, representações com grandes afinidades com as congéneres neerlandesas.

As representações zoomórficas são uma das famílias temáticas desenvolvidas pelo seu azulejo de figura avulsa português. Com possível origem nos bestiários difundidos pela gravura do norte da Europa – de que são exemplos séries como: *Frisos com animais selvagens e domesticados*, série gravada por Abraham de Bruyn em 1578; *Animalium Quadrupedium* gravada e publicada

por Adriaen Collaert de ca.1597; *Animalium quadrupedum variorum typi* (Allerley vierfuessiger thier eigentliche abbildung) de Isaac Bruyn de ca. 1624; *Diversa Animalia Quadrupedia* de Reinier van Persyn, publicada por Claes Jansz. Visscher em 1641; *Animalium, ferarum et bestiarum* de David Loggan (após Wenceslaus Hollar) publicado em 1663 por Peter Stent; *Quelques figures, chevaux, paysages* de Sébastien Leclerc de ca. 1696-1700 – a colecção de representações de animais em azulejo é farta em aves, de várias espécies, representadas em diversas posições (em vôo, de pé, em galhos, com alimento no bico, picando o chão), havendo também espaço para outros animais como coelhos/lebres, cavalos, veados, bovinos, leões, sendo que estes últimos assumem particular afinidade com as representações congéneres da heráldica.

Depois dos animais, as representações antropomórficas são outra das temáticas eleitas pelo azulejo de figura avulsa português. Figuras masculinas e femininas surgem como representações de género (figurando profissões ou funções: o caçador, o cavaleiro, o frade, o bispo, a fiandeira de linho, a dama, a freira, a aguadeira de bilha à cabeça) [Figura 2], ou simplesmente sob a forma de bustos (representados de frente, de perfil ou a três quartos) [Figura 3] onde se explora ora um tom ora jocoso ora galante, em figuras (com uma alargada diversidade de soluções para a cobertura de cabeça, desde chapéus, toucados, capacetes, turbantes) que mordem flores, olham pássaros, fumam cachimbo, ou simplesmente se apresentam, no caso das figuras femininas, com generosos decotes lembrando as *belle donne* da majólica italiana quinhentista. Num tratamento burlesco ou satírico das cenas do quotidiano surgem representações de figuras híbridas que oferecem a figuras humanas particularidades físicas de seres do mundo animal, representações de figuras acompanhadas de fonemas (onde inscrições de palavras na unidade azulejar dão voz à figura representada, como o caso de um rei que ordena «AJAI», existente numa das Capelas dos Passos da Cç. de St.^a Isabel em Coimbra), ou ainda em representações que satirizam particularidades físicas de perso-

nagens como figuras de narizes exagerados sobre os quais erguem pequenas casas. Nesta linha, surgem inclusivamente arrojadas representações de figuras em actos de micção ou defecação, aspecto que causa alguma perplexidade pelo atrevimento da sua inclusão, em alguns casos, em contextos sacros (p.e. São Francisco de Orgens), opção que rompe com o *decoro e decência* expressamente recomendados pelas directrizes pós-tridentinas para as intervenções artísticas em beneficiação do espaço sacro, as quais estão bem plasmadas nas constituições sinodais diocesanas portuguesas. Figuras do imaginário fantástico ou mitológico completam o reportório iconográfico das representações antropomórficas, as quais apontam nitidamente para a existência de matrizes gráficas que lhes serviram de inspiração.

TABELA 1

AZULEJARIA DE FIGURA AVULSA: SOLUÇÕES TEMÁTICAS		
FLORES	Liliáceas	
	Rosáceas	
	Cariofiláceas	
	Peóneas	
	Asterácias	
FRUTOS	Peras	
	Limões	
	Maçãs	
	Romãs	
	Cerejas	
AVES	Corujas	De pé
	Cegonhas	Em vôo
	Andorinhas	Em galhos
	Cotovias	Picando o chão

ARQUITECTURAS	Casas Castelos Igrejas	
OBJECTOS DO QUOTIDIANO	Cestos de frutos e flores Cabaças Gomis Carros de bois	
EMBLEMAS E ALEGORIAS	Braço da justiça Cálice Coração	
EMBARCAÇÕES	Galeões Embarcações de pequeno porte	Com figuras Sem figuras
OUTRAS REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS	Leporídeos Cervídeos Bovinos Equídeos Felinos Insectos	
REPRESENTAÇÕES ANTROPOMÓRFICAS	Cenas de género Bustos Cenas burlescas/ satíricas	Costumes Profissões Figuras galantes Figuras com diferentes tipos de cobertura de cabeça Bustos femininos, tipo <i>Belle Donne</i> Analogias anatómicas com seres do mundo animal Figuras em actos de defecação e micção Exagero de peculiaridades fisionómicas

REPRESENTAÇÕES ANTROPOMÓRFICAS	Figuras mitológicas	Sereias Cupidos
	Querubins	
	Figuras quiméricas/ grotescas	

Contribuem para a diversidade temática do azulejo de figura avulsa, embora com menor frequência de utilização, outro tipo de representações como as arquitecturas (casas, castelos ou palácios, algumas das quais denunciadoras de uma influência exógena orientalizante, muito associadas a algumas das representações existentes na faiança utilitária contemporânea), as embarcações (de pequeno ou grande porte, com ou sem figuras), os objectos do quotidiano (carros de bois, cabaças, jarros ou gomis) e ainda os emblemas ou símbolos religiosos (cruz, cálice, braço da justiça, coração).

Perante a franca amplitude de temas enumerados e seu modo de assimilação pelo artífice, o entendimento simplista do azulejo de figura avulsa como tipologia ornamental de fraca erudição artística afigura-se demasiado superficial. A reflexão aqui apresentada procura, portanto, ultrapassar a visão dos ceramógrafos de inícios do século XX que considerou o artífice do azulejo de figura avulsa «*pela sua ignorância, pela sua incultura e, sequentemente, pela sua penúria imaginativa*» autor de uma obra «*mediocre, e por vezes, péssima*» (MONTEIRO, 1907: 15).

Embora reconheçamos, para alguns casos, um fraco desenho e pintura, consideramos as imperfeições associadas ao azulejo de motivo solto erroneamente consideradas como limitações técnicas de artistas de pequeno folego, devendo ser antes olhadas como factos advindos da pressa e ime-

diatismo de uma produção manufacturada em série, repetitiva, que executa num espaço de tempo contínuo o mesmo movimento múltiplas vezes. É portanto a “mecanização” do gesto, que replica o mesmo ornamento vezes consecutivas, o facto gerador de faltas, defeitos ou incorrecções.

Apesar do sistema de ornamentação se afigurar semi-industrial, a criatividade reside não apenas na criação desse mesmo sistema ornamental, na escolha e concepção do motivo de repetição, mas principalmente nos detalhes que diferenciam as unidades repetitivas umas das outras pelas adições de arabescos, diferentes trabalhos de modelação das formas, entre outros aspectos. O recurso a diferentes recursos técnicos de pintura verificados em certos casos – como o caso do centro oleiro de Coimbra que aplica recorrentemente o pincel em combinação com a esponja – acentua a solidez da constatação de que a produção de azulejos da tipologia da figura avulsa se assume bem mais inventiva do que à primeira vista pode parecer, afigurando-se por isso a sua manufactura como espaço de liberdade criativa com grande margem para experimentação de técnicas e formas.

Sobre quem executa este tipo de trabalho, parece-nos cada vez mais nítido que o azulejo de figura avulsa se revela como prática artística de artífices pintores de louça, mais do que artistas pintores de azulejo (especialização que deduz um conhecimento prático e efectivo da experiência da pintura a cavalete ou do desenho em campanhas associadas a artes ornamentais bi ou tridimensionais), embora não se deva descartar – e a situação complementar da figura avulsa face aos ciclos narrativos em azulejo assim o denuncie – que ambas as especializações oficinais trabalham em conjunto numa mesma campanha ornamental.

Considerações Finais

O legado franciscano português tem no património azulejar integrado nos remanescentes complexos conventuais, e arquitectura subsidiária desses, um importante conjunto de núcleos de suma importância para o conhecimento da tipologia azulejar de figura avulsa portuguesa. Revisitando os estudos de referência sobre essa matéria, a presente reflexão apresentou pistas para uma investigação que urge desenvolver com mais profundidade sobre os aspectos técnico-artísticos de uma família do azulejo setecentista português que, pela sua banal existência e deficiente entendimento como uma produção menor, não tem prendido a atenção dos investigadores do azulejo.

Do conjunto de núcleos reunido plasma-se a heterogeneidade cronológica, técnico-formal (para alguns casos indiciadora das características dos diferentes centros de produção) e de soluções de aplicação ensaiadas nas diferentes casas franciscanas com os revestimentos azulejares de figura avulsa, afigurando-se assim como um importante caso de estudo com significativa contribuição para o conhecimento de uma das mais características tipologias da azulejaria setecentista portuguesa.

TABELA 2

QUADRO SINOPTICO: AZULEJARIA DE FIGURA AVULSA
NA REALIDADE ARQUITECTÓNICA FRANCISCANA PORTUGUESA

DENOMINAÇÃO DO IMÓVEL	LOCALIZAÇÃO	JURISDIÇÃO	FUND.	AZULEJOS DE FIGURA AVULSA	
				LOCAL DE APLICAÇÃO	DATAÇ.
ORDEM DOS FRADES MENORES PROVÍNCIA DE SANTO ANTÓNIO DA OBSERVÂNCIA					
Convento de Sto. António dos Capuchos (casa provincial)	Lisboa	Província de Sto. António	1570– 1579	Igreja: corredores das capelas laterais intercomunicantes <i>in situ</i>	ca.1740
Convento de Sto. António da Castanheira	V. Franca de Xira/Lisboa	Província de Sto. António	ca.1402	Claustro recolocados em can- teiros	ca.1740
Convento de Sto. António de Penela	Penela	Província de Sto. António	1578	Igreja: capela à entrada <i>in situ</i> Claustro removidos (actualmente na Casa-Museu Bissaya Barreto?)	ca.1700 ca.1740 2. ^a metade sec.XVIII
Colégio de Sto. António da Pedreira	Coimbra	Província de Sto. António	1602- 1611	Igreja: ante-sacristia <i>in situ</i>	ca.1700- 1710

QUADRO SINÓPTICO: AZULEJARIA DE FIGURA AVULSA
NA REALIDADE ARQUITECTÓNICA FRANCISCANA PORTUGUESA

DENOMINAÇÃO DO IMÓVEL	LOCALIZAÇÃO	JURISDIÇÃO	FUND.	AZULEJOS DE FIGURA AVULSA	
				LOCAL DE APLICAÇÃO	DATAÇ.

ORDEM DOS FRADES MENORES | PROVÍNCIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Convento de Sto. António (casa provincial)	Viana do Castelo	Província de Sto. António Província de N.ª Sr.ª da Conceição (após 1705)	ca.1610	Igreja: capela-mor, capela lateral <i>in situ</i>	ca.1740
--	---------------------	---	---------	--	---------

Convento de S. Francisco (ou de São Bento)	Arcos de Val- devez / Viana do Castelo	Província de Sto. António Província de N.ª Sr.ª da Conceição (após 1705)	1677	Igreja: galilé, sub-coro, nave, capela lateral, capela-mor <i>in situ</i>	ca.1740
--	--	---	------	--	---------

Convento de Sto. António	Ponte de Lima/ Viana do Castelo	Província de Sto. António Província de N.ª Sr.ª da Conceição (após 1705)	1481- 1485	Igreja: sacristia <i>in situ</i> ?	ca.1743- 1744
-----------------------------	---------------------------------------	---	---------------	--------------------------------------	------------------

Convento de S. Francisco de Orgens	Viseu	Província de Sto. António Província de N.ª Sr.ª da Conceição (após 1705)	1407	Igreja: nave e capela-mor <i>in situ</i>	ca.1740
--	-------	---	------	--	---------

QUADRO SINOPTICO: AZULEJARIA DE FIGURA AVULSA
NA REALIDADE ARQUITECTÓNICA FRANCISCANA PORTUGUESA

DENOMINAÇÃO DO IMÓVEL	LOCALIZAÇÃO	JURISDIÇÃO	FUND.	AZULEJOS DE FIGURA AVULSA	
				LOCAL DE APLICAÇÃO	DATAÇ.
ORDEM DOS FRADES MENORES PROVÍNCIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO					
Colégio de Sto. António da Estrela	Coimbra	Província de N.ª Sr.ª da Conceição	1707	Desaparecidos	???
ORDEM DOS FRADES MENORES PROVÍNCIA DE NOSSA SENHORA DA SOLEDADE					
Convento de Sto. António dos Olivais	Coimbra	Província de N.ª Sr.ª da Piedade (des- de 1537) Província de N.ª Sr.ª da Soledade (após 1673)	1537- 1538	Escadório: avental das capelas dos Passos; Igreja: átrio de entrada <i>in situ</i> O conjunto seria certamente mais vasto: em 1851o complexo conventual sofre um incêndio devastador.	ca.1700- 1710 ca.1740
Convento de S. Francisco/ N.ª Sr.ª do Rosário	Chaves/Vila Real	Província de N.ª Sr.ª da Soledade	1635- 1684	Igreja: sacristia ? Claustro Desaparecidos	???
ORDEM DOS FRADES MENORES PROVÍNCIA DE SANTA MARIA DOS ALGARVES					
Convento de S. Francisco de Xabregas (casa provincial)	Lisboa	Província de St.ª M.ª dos Algarves	1456- 1460	Cozinha Desaparecidos	???
Convento de Sto. António	Cascais	Província de St.ª M.ª dos Algarves	1527	Adro da igreja ?	ca.1740- 1750

QUADRO SINÓPTICO: AZULEJARIA DE FIGURA AVULSA
NA REALIDADE ARQUITECTÓNICA FRANCISCANA PORTUGUESA

DENOMINAÇÃO DO IMÓVEL	LOCALIZAÇÃO	JURISDIÇÃO	FUND.	AZULEJOS DE FIGURA AVULSA	
				LOCAL DE APLICAÇÃO	DATAÇ.

ORDEM DOS FRADES MENORES | PROVÍNCIA DE SANTA MARIA DOS ALGARVES

Convento de S. Francisco	Montemor-o- -Novo/ Évora	Província de St. ^a M. ^a dos Algarves	1532	Igreja: rodapé alçados laterais <i>in situ</i>	???
Convento de S. Francisco	Beja	Província de St. ^a M. ^a dos Algarves	1268	Área corporal ?	???

ORDEM DOS FRADES MENORES | PROVÍNCIA DE SANTA MARIA DA ARRÁBIDA

Convento de S. Pedro de Alcântara	Lisboa	Província de St. ^a M. ^a da Arrábida	1680	Igreja: confessionários <i>in situ</i>	ca.1750- 1760
---	--------	---	------	--	------------------

ORDEM DOS FRADES MENORES | PROVÍNCIA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Convento de N. ^a Sr. ^a da Piedade (casa provincial)	Vila Viçosa (Conceição)/ Évora	Província de N. ^a Sr. ^a da Piedade	1606	Igreja: átrio, nave, capela-mor e sacristia, claustro (?) <i>in situ</i>	ca.1700 ca.1740
Convento de Sto. António	Redondo/ Évora	Província de N. ^a Sr. ^a da Piedade	1601	Igreja: átrio, arcossólios dos alçados laterais da nave, capela- -mor <i>in situ</i>	ca.1750- 1760

QUADRO SINOPTICO: AZULEJARIA DE FIGURA AVULSA
NA REALIDADE ARQUITECTÓNICA FRANCISCANA PORTUGUESA

DENOMINAÇÃO DO IMÓVEL	LOCALIZAÇÃO	JURISDIÇÃO	FUND.	AZULEJOS DE FIGURA AVULSA	
				LOCAL DE APLICAÇÃO	DATAÇ.
ORDEM DOS FRADES MENORES CUSTÓDIA/PROVÍNCIA DE SANTO ANTÓNIO DO BRASIL – NE (1584 1657)					
Convento de Sto. António	Recife/ Pernambuco	Província de Sto. António do Brasil-NE	1606	Claustro <i>in situ</i> * * produção holandesa	ca.1730- -ca.1750
Convento de Sto. António	Cairu/Baía	Província de Sto. António do Brasil-NE	1650	Igreja: átrio ? Capela de São Bendito ? Portaria ?	ca.1720 ca.1740
ORDEM DE SANTA CLARA					
Convento de Sta. Clara-a-Nova	Coimbra	Ordem de Sta. Clara – Província de Portugal	1649	Igreja: coro alto e coro baixo <i>in situ</i>	ca.1700
Convento das Irmãs Capuchas do Real Conser- vatório de N.ª Sr.ª dos Inocentes	Santarém	Ordem Terceira Regular Ordem de Sta. Clara – Provín- cia de Portugal (após1732)	1677	Igreja: sacristia ?	?
Convento de Sta. Marta	Lisboa	Ordem de Sta. Clara – Província de Portugal	1577- 1583	Sala do Capítulo (rodapé) <i>in situ</i> ; Corredor colocados na década 1970	ca.1740- 1750

QUADRO SINOPTICO: AZULEJARIA DE FIGURA AVULSA
NA REALIDADE ARQUITECTÓNICA FRANCISCANA PORTUGUESA

DENOMINAÇÃO DO IMÓVEL	LOCALIZAÇÃO	JURISDIÇÃO	FUND.	AZULEJOS DE FIGURA AVULSA	
				LOCAL DE APLICAÇÃO	DATAÇ.
ORDEM DE SANTA CLARA					
Convento do Sto. Crucifixo das Francesinhas	Lisboa	Ordem de Sta. Clara – Província de Portugal	1667	Alisar na escada que subia do claustro ao andar nobre (QUEI- RÓS,2002:294) desaparecidos pela demolição do convento, subsistem algumas amostras no MNAA	1691 (Garcia Ramires)
Convento de Sta. Helena do Monte Calvário	Évora	Ordem de Sta. Clara – Província dos Algarves (Xabreganas)	1574- 1577	Igreja: nave <i>in situ</i> ; Refeitório ?	ca.1700?
Convento das Chagas de Cristo	Vila Viçosa / Évora	Ordem de Sta. Clara – Província dos Algarves (Xabreganas)	1532- 1535	Sala do capítulo <i>in situ</i>	ca.1740
Convento de N. ^a Sr. ^a da Esperança	Vila Viçosa/ Évora	Ordem de Sta. Clara – Província dos Algarves (Xabreganas)	1549	Igreja: ante-coro alto e sacristia ?	ca.1700?

QUADRO SINOPTICO: AZULEJARIA DE FIGURA AVULSA
NA REALIDADE ARQUITECTÓNICA FRANCISCANA PORTUGUESA

DENOMINAÇÃO DO IMÓVEL	LOCALIZAÇÃO	JURISDIÇÃO	FUND.	AZULEJOS DE FIGURA AVULSA	
				LOCAL DE APLICAÇÃO	DATAÇ.

ORDEM DE SANTA CLARA

Convento de N. ^a Sr. ^a do Desterro	São Salvador /Baía	Ordem de Sta. Clara – Província de Santo António do Brasil-NE	1677	CLAUSTRO (Fonte) ?	após 1730
---	-----------------------	--	------	----------------------	-----------

Convento de N. ^a Sr. ^a da Esperança	Ponta Delgada	Província de São João Evangelista dos Açores (1639) Custódia de Nossa Senho- ra da Concei- ção das Ilhas de São Miguel e Santa Maria dos Açores (1717)	1541	CORO <i>in situ</i>	Primeira metade sec.XVIII
--	---------------	--	------	-----------------------	---------------------------------

ORDEM TERCEIRA REGULAR

Colégio de S. Pedro dos Reli- giosos Terceiros	Coimbra	Província Portuguesa da Terceira Ordem Fran- ciscana	1584- 1585	Escadaria de ligação da portaria de baixo ao claustro <i>in situ</i>	1707
--	---------	--	---------------	---	------

QUADRO SINOPTICO: AZULEJARIA DE FIGURA AVULSA
NA REALIDADE ARQUITECTÓNICA FRANCISCANA PORTUGUESA

DENOMINAÇÃO DO IMÓVEL	LOCALIZAÇÃO	JURISDIÇÃO	FUND.	AZULEJOS DE FIGURA AVULSA	
				LOCAL DE APLICAÇÃO	DATAÇ.
ORDEM TERCEIRA REGULAR					
Convento de N. ^a Sr. ^a do Desterro	Monchique/ Faro	Província Portuguesa da Terceira Ordem Fran- ciscana	1631	Cerca; Área corporal ?	?
Convento de N. ^a Sr. ^a dos Anjos de Brancanes / Seminário de Brancanes	Setúbal	Província Portuguesa da Terceira Ordem Franciscana (até 1711) Missionários Apostólicos de Brancanes	1682	Portaria; Cerca: Capela de N. ^a Sr. ^a da Guia ?	ca. 1740- 1750
ORDEM TERCEIRA SECULAR					
Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco	Santarém	Ordem Tercei- ra Secular de S. Francisco	1666	Escada; Igreja: capelas laterais ?	?
Igreja de N. ^a Sr. ^a de Monserrate da Ordem Tercei- ra de S. Francisco	Óbidos	Ordem Tercei- ra Secular de S. Francisco	1731	Igreja: nave in situ	ca.1740- 1750
Ordem Terceira de São Francisco	São Salvador / Baía	Ordem Tercei- ra Secular de S. Francisco	1702- 1703	Corredor; escadaria Sala consistório ?	ca.1740- 1750

Bibliografia

ALMEIDA, Patrícia Roque de, 2004 – *O azulejo no século XVIII na Arquitectura das Ordens de São Bento e de São Francisco no Entre Douro e Minho*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: [Ed. Autor]. 4 vols.

ARAÚJO, António de Sousa (Frei), 1985a – “Roteiro Franciscano – Viana do Castelo.” *Paz e Alegria-Revista da Mensagem Franciscana*. Lisboa: n.º49 – ano IX., pp. 17-21.

ARAÚJO, António de Sousa (Frei), 1985b – “Roteiro Franciscano – Arcos de Valdevez”. *Paz e Alegria-Revista da Mensagem Franciscana*. Lisboa: n.º50, ano IX, pp. 18-22.

ARAÚJO, José Rosa de, 1968 – “Os Azulejos de Viana”. *Comércio do Porto*. Porto: Ano CXV, n.º33 (24 de Dezembro de 1968), p. 16.

ARRUDA, Luísa, 1998 – *Caminho do Oriente. Guia do Azulejo*. Lisboa: Livros Horizonte.

CÂMARA, Alexandra Gago, 1999 – *Azulejaria Barroca em Évora. Um Inventário*. Évora: Centro de História da Arte/Universidade de Évora.

CARVALHO, Almeida, 1970 – *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense. Convento de Setúbal*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, vol.IV, I parte, 7-49.

CORREIA, Virgílio; GONÇALVES, Nogueira, 1947 – *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

FIGUEIREDO, Ana Paula, 2008 – *Os conventos franciscanos da Real Província da Conceição: análise histórica, tipológica, artística e iconográfica*. Dissertação de Doutoramento em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: [Ed.Autor]. Vols.1 e 2.

GUIMARÃES, Feliciano, 1932 – *Azulejos de Figura Avulsa*. Gaia: Edições Pátria.

JOSÉ, Frei Pedro de Jesus Maria, 1760 – *Chronica da Santa, e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal da mais estreita e regular Observancia do Serafim Chagado S. Francisco*. Lisboa, Officina de Miguel Manescal da Costa, 2.^a ed., 2 vols.

MECO, José, 1993 – *O Azulejo em Portugal*. 2.^a ed.. Lisboa: Publicações Alfa.

MONTEIRO, Manuel, 1907 – “Azulejos de Figura avulsa”. *Serões*. Lisboa: Ferreira e Oliveira Editores, n.º13 (Julho de 1906), pp.14-20.

OLIVEIRA, Luiz Augusto de, 1923 – “Azulejos do Convento de Santo António de Frades Capuchos”. *Almanaque de Ponte de Lima*. Ponte de Lima: Tipografia Guimarães, 5.º ano, pp. 248-255.

PAIS, Alexandre, 2011 – “A azulejaria de «figura avulsa».” in PAIS, Alexandre; DUARTE, Elvino (Coord.) – *O Azulejo Português de Figura Avulsa: Colecção Feliciano David/Graciete Rodrigues*. Machico: Câmara Municipal de Machico, p.15-44.

PEIXOTO, António A. da Rocha, 1901 – “Uma Iconographia popular em Azulejos.” *Portugalia – Materiaes para o Estudo do Povo Português*. Porto: Imprensa Moderna, Tomo I, fascículo 3.

QUEIRÓS, José, 2002 – *Cerâmica Portuguesa e Outros Estudos*. 4.^a Edição. Lisboa: Editorial Presença. (1.^a edição, 1907).

REIS, António de Matos, 1989 – “As Igrejas de Santo António dos Frades e de São Francisco dos Terceiros, em Ponte de Lima.” *Estudos Regionais – Revista de Cultura do Alto Minho*. Centro de Estudos Regionais. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, n.º6.

RODRIGUES, Fernando Manuel Matos, 1987 – *Os azulejos setecentistas do Convento de Brancanes em Setúbal, actual Batalhão do Serviço de Saúde*. s.l, edição do autor.

SANTOS, Diana Gonçalves dos, 2007 – *Azulejaria dos Séculos XVII e XVIII na Arquitectura dos Colégios das Ordens Religiosas em Coimbra*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: [Ed.Autor]. 2 vols.

SANTOS, Diana Gonçalves dos, 2010 – “Azulejaria Setecentista no Colégio de Santo António da Pedreira [OFM] em Coimbra. Aspectos Iconográficos e Iconológicos” in ROSAL, Manuel Peláez del (coord.) – *El franciscanismo en La Península Ibérica. El viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su legado (1214-2014), Actas III Congreso Internacional*. Córdoba: Ediciones el Almendro-Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos.

SIMÕES, J. M. dos Santos, 1963 – *Azulejaria nos Açores e na Madeira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SIMÕES, J. M. dos Santos, 1965 – *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SIMÕES, J. M. dos Santos, 2010 – *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*. Edição Revista e Actualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (1.^a Edição, 1979).

SMITH, Robert C., 1972 – “Dois estudos beneditinos”. *Boletim Belas Artes*. Lisboa: [s.l.], n.º 27 (2.^a série).

VELOSO, A. J. Barros, e ALMASQUÉ, Isabel, 1996 – *História e Azulejos. Hospitais Civis de Lisboa*. Lisboa: INAPA.

